



Sobre alguns poemas de António Botto dispersos na imprensa brasileira

*About some of António Botto's poems dispersed in
the brazilian press*

Oscar de Paula Neto

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

oscarjpneto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1185-87453>

Ida Maria Santos Ferreira Alves

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

idafalves@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6892-7289>

Resumo: Entre 1947 e 1959, António Botto viveu no Brasil um exílio voluntário e publicou diversos textos literários, principalmente poesia e narrativas curtas, em diferentes periódicos do país durante esses anos. Entretanto, tal produção literária, dispersa na imprensa, continua praticamente desconhecida. Por isso, o artigo visa resgatar e analisar alguns dos poemas que foram publicados em jornais e que se mantêm inéditos na obra conhecida do poeta, revelando que os anos brasileiros foram também um momento notável de criação literária. Assim, a reflexão acerca desse conjunto de textos permite compreender as transformações no estilo e na temática da escrita bottiana, principalmente quando comparadas com seus primeiros trabalhos.

Palavras-chave: António Botto; poesia portuguesa; imprensa.

Abstract: Between 1947 and 1959, António Botto lived a voluntary exile in Brazil and published several literary texts, mainly poetry and

short narratives, in different periodicals in the country during those years. However, such literary production, dispersed in the press, remains virtually unknown. Therefore, the article aims to rescue and analyze some of the poems that were published in newspapers and remain unpublished in the known work of the poet, revealing that the Brazilian years were also a remarkable moment of literary creation. Thus, the reflection about this set of texts allows us to understand the transformations in style and theme of Botto's writing, especially when compared with his early works.

Keywords: António Botto; Portuguese poetry; press.

A atuação de António Botto na imprensa ainda é um caminho a ser mais bem explorado por aqueles que se dedicam a compreender a extensão de sua obra, que foi muito mais ampla e diversa do que tem sido documentada até à atualidade. Se há pouca atenção à sua produção jornalística portuguesa, a que foi desenvolvida no Brasil ainda é um campo praticamente desconhecido. Durante os anos em que viveu nesse país, o poeta contribuiu para muitos periódicos, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, com textos diversos, como contos, poemas ou crônicas, tanto já publicados em suas obras quanto inéditos, além de textos de opinião (crítica literária sobre autores ou movimentos literários, brasileiros, portugueses ou europeus e variedades). Não é à toa que, nas notícias acerca de episódios vividos pelo escritor no Brasil, assim como em entrevistas, ele tenha sido apresentado repetidamente com a alcunha de jornalista (e até mesmo de engenheiro!), ao lado de poeta.

No texto de apresentação de *Ainda não se escreveu* (1959), obra póstuma que reuniu a poesia de Botto escrita durante o período no Brasil, o poeta ressaltou o grande hiato na compilação de trabalhos inéditos. Segundo ele, após onze anos ausente de sua pátria, sem lançar uma única obra de poesia, finalmente apresentaria um “volume de muitos outros que fui escrevendo neste prolongado exílio” (BOTTO, 1959, p. 3). Todavia, muitos de seus poemas e contos apareceram nas páginas dos periódicos brasileiros, que serviram de meio para o poeta prosseguir sua atividade de escrita, embora fosse cada vez mais considerado um escritor em declínio. Tais textos, sobre alguns dos quais iremos nos deter neste artigo, muitas das vezes, revelam os interesses do escritor durante aqueles anos. Neles, o poeta comentou acerca de problemas sociais e políticos, como também exaltou

as grandezas do Brasil e do povo brasileiro, estando muito próximos da nova dicção poética e das preocupações temáticas que Botto passara a experimentar desde a década de 1940.

Dessa forma, conhecer o conjunto de textos que ficaram dispersos nos vários jornais e revistas de grande circulação brasileiros é fundamental para refletir sobre uma parcela inexplorada da escrita de Botto e mensurar sua trajetória artística e intelectual nos últimos anos de vida, continuamente ignorada pela crítica literária. Com a imprensa a funcionar como uma instância de produção, divulgação e recepção literária, podemos compreender as possibilidades críticas e criativas do poeta português que viu no exílio no Brasil uma nova chance de retomar sua carreira. Para tanto, primeiramente iremos apresentar um breve panorama da fase tardia de Botto, sobretudo dos anos no Brasil, e, em seguida, nos deter em alguns dos poemas publicados na imprensa brasileira.

1 Os últimos anos de António Botto

Em 17 de agosto de 1947, António Botto desembarcou no Rio de Janeiro, dando início ao exílio voluntário que iria se prolongar até a sua morte em 1959, quando foi vítima de um atropelamento em Copacabana. Já era evidente, no instante de sua chegada, que sua carreira literária em Portugal estava num processo contínuo de desvalorização, devido aos trabalhos recentes não despertarem mais a atenção da crítica e do público. Durante a década de 1940, Botto publicou *O livro do povo* (1944) e *Ódio e Amor* (1947), livros que destoavam sensivelmente da produção poética reunida em *Canções*¹, cuja última edição, a quarta, revista e ampliada, também foi publicada em 1944. Tais obras não foram bem recebidas por seus leitores cativos e sofreram o quase total silenciamento da crítica, agora pouco interessada nas produções poéticas recentes do poeta, que além de divergir do seu próprio estilo e dos temas recorrentes, também não se enquadrava nas tendências e movimentos que irrompiam naquele momento.

Pode-se perceber, ao analisar a produção tardia de Botto, que a partir desse instante, e que iria se prolongar até *Ainda não se escreveu*,

¹ *Canções* é a concentração da obra poética de duas décadas, sob um mesmo título, de 15 livros escritos entre 1921 e 1941. Botto reordenou, incluiu e excluiu textos de uma edição a outra, bem como reescreveu alguns dos poemas até 1956, a última revisada por ele próprio.

a sua poesia aparece marcada por preocupações sociais e políticas como não acontecia de forma tão clara quando comparada a seus primeiros trabalhos, apesar de a sensibilidade e a empatia do escritor para com as camadas populares estarem presentes em sua obra desde a juventude. Entretanto, o público leitor, profissional ou leigo, não reagiu positivamente às transformações temáticas colocadas em prática pelo poeta nesta fase, que se via cada vez mais isolado no ambiente literário português, ainda que guardasse resquícios da admiração do primeiro momento. Tal iminente isolamento, também, pode ser explicado pela gradativa perda do seu círculo social e de contatos intelectuais e profissionais, seja pelo falecimento de alguns, como o de Fernando Pessoa, um dos seus maiores apoiadores, ou mesmo pelas desavenças que causava por resultado de seu comportamento errático, tido como megalomaniaco e narcisista, que acabava por gerar indisposições das mais diversas ordens (SALES, 2011).

Além disso, desde a década de 1930, o autoritarismo da ditadura de Salazar em Portugal intensificava-se; o conservadorismo latente acabava por tornar Botto, reconhecidamente homossexual pelo seu entorno social, numa figura incômoda naquele contexto político. O poeta, por seu turno, parece querer afastar de si a imagem controversa que impingira à sua trajetória, oriunda das polêmicas de sua estreia na literatura, quando sua obra foi uma das causas das discussões entre intelectuais nos acalorados debates sobre a “Literatura de Sodoma”². Na nova verve criativa, Botto suprime de sua escrita os motivos homoeróticos que tanto marcaram a sua obra inicial, restringindo-os a poucos poemas no montante de textos que iria produzir até o fim de sua vida. De acordo com Anna Klobucka, a produção homoerótica de Botto não desapareceu por completo, apenas ficou circunscrita ao seu espólio pessoal, nomeado *Caderno Proibido*, no qual o homoerotismo é tema predominante (2016, p. 96).

Entretanto, apesar de todos os esforços, os preconceitos que o circundaram não desapareceram tão facilmente: o poeta fora deposto do serviço público em 1942, de cargo que ocupava há 18 anos, sem direito à pensão, sob acusações essencialmente homofóbicas, por ter

² Em 1923, membros da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, de fundo católico, reagiram à disseminação do que foi nomeado de “literatura de Sodoma”, ou seja, textos que transgrediam a moral da época. Ainda um tanto desconhecido do grande público, *Canções* foi um dos livros que motivou a ação conservadora, juntamente com as obras de Raul Leal e Judith Teixeira.

supostamente dirigido galanteios a um colega de repartição, motivo que ficou registrado no *Diário de Governo*, ao apontar a inobservância dos deveres profissionais e a falta de “idoneidade moral” (PITTA, 2018, p. 677). Além disso, comentários preconceituosos podem ser encontrados na imprensa brasileira, desde os primeiros instantes após a sua chegada. Um deles é o do comerciante português Carlos Alvim Barroso, residente no Rio de Janeiro, que indignado com as declarações antipatriotas do poeta, tão repercutidas na imprensa, declara: “Antônio Botto, conhecido poeta português, de gestos ‘profundamente’ delicados e voz macia, chegou recentemente ao Brasil [...] Eu compreendo a sua mágua (sic). No fundo é a revolta de um tarado que vagava nas ruas de Lisboa, de lanterna em punho à procura de... inspiração” (*A Noite*, 05/09/1947, p. 03). Outro, pode ser percebido num artigo do escritor Dalton Trevisan, que numa crítica à personalidade e obra de Botto, as quais ele acusa de cabotina e sem talento, refere-se implicitamente à homossexualidade de Botto: “Se, de algum modo, é célebre o poeta, o é pela sua ‘carne de seda’ ou ‘ombros florentinos’ e jamais pela sua obra” (*Joaquim*, n. 15, 1947, p. 05).

Sendo assim, somando as dificuldades financeiras à falta de espaço de atuação do poeta no campo literário e cultural português, a migração para o outro lado do Atlântico, como ocorreu com muitos escritores e intelectuais portugueses, pareceu ser um caminho sensato e proveitoso para a retomada de sua carreira. Botto, ao desembarcar no Brasil, foi recebido como um dos maiores escritores portugueses, senão o maior poeta português vivo, como foi propalado por uma série de reportagens que circularam antes e depois de aportar no Rio de Janeiro. Por exemplo, o jornalista Pompeu de Sousa, do *Diário Carioca*, descreveu Botto como “um grande poeta de nossa língua, um dos maiores da sua terra portuguesa, o maior da atualidade”, que migrara a fim de se tornar “um de nós”, um autêntico brasileiro, “um poeta brasileiro como poucos, raros de nós” (*Diário Carioca*, 20/08/1947, p. 4). Poucos dias depois, numa longa reportagem e entrevista que ocuparam duas páginas do jornal, o jornalista e escritor Paulo Mendes Campos categorizou a chegada do escritor como “um acontecimento literário”, pois significava a vinda definitiva para o Brasil “do maior poeta vivo de Portugal”, que prometia naturalizar-se brasileiro – “Temos, assim, um novo grande poeta brasileiro: Antônio Botto” (*Diário Carioca*, 24/08/1947, p. 1, 2ª seção). Correspondendo ao entusiasmo inicial da mídia brasileira e dando amostras dos motivos que fazia com que ele fosse uma personalidade polêmica em seu país, Botto

aproveita-se, na entrevista, da oportunidade para enaltecer a sua própria trajetória na literatura e atacar seus conterrâneos, como fez em mais de uma ocasião durante os anos no Brasil:

“– Há vinte anos que dei um ponta-pó [sic] na literatura portuguesa, nesta pobre literatura portuguesa de hoje, tecida com teia de aranha”.

Achamos o poeta muito rigoroso para com as letras da sua terra, mas ele não deixa por menos: o que Portugal produz hoje no terreno literário não chega a merecer seu respeito. Com exceção de José Régio e mais alguns poucos, o criador de “Curiosidades Estéticas” nega existência verdadeira aos literatos vivos do seu país. (CAMPOS, 1947, p. 1)

Ao ser questionado acerca de suas admirações literárias, Botto irá traçar comentários elogiosos a escritores como o espanhol Federico Garcia Lorca, o italiano Luigi Pirandello, e os franceses Arthur Rimbaud e André Gide, mas irá se deter em poucos nomes portugueses, indicando a inferioridade das letras de seu país. Além do mais, Botto irá se incluir como um dos maiores nomes da literatura portuguesa:

“E em Portugal? – perguntamos. O poeta toma um ar distante, mas insistimos. Afinal, sua resposta veio, muito mais concisa do que era de se esperar: “Na literatura portuguesa destaco Camões (sobretudo o Camões dos sonetos de amor), o grande, o genial Gil Vicente, alguma coisa de Antero de Quental, o grande Fernando Pessoa...”

– Não há mais ninguém”

– “Há ainda um outro!”

– “Quem?”

– “Todo mundo sabe que sou eu”. (CAMPOS, 1947, p. 2)

Num breve percurso biográfico e da sua carreira artística, a reportagem discorre acerca de sua suposta educação inglesa e sua amizade com Fernando Pessoa, que foi seu editor e um dos maiores divulgadores, tendo traduzido *Canções* para a língua inglesa, o que tornou sua obra um título principal de discussão em outros países³.

³ A tradução de *Canções* para a língua inglesa foi realizada por Fernando Pessoa em 1932, mas apenas publicada em 1948 em uma edição de autor. Apenas em 2010, *Songs* foi disponibilizado numa grande tiragem para a apreciação de um público mais amplo.

Ademais, o jornalista também destaca a atuação intelectual de Botto e seu envolvimento em algumas das principais revistas modernistas portuguesas e o poeta dá opiniões controversas sobre *Orpheu*:

Com Fernando Pessoa, Almada Negreiros e José Pacheco participa de um grande movimento literário de que resulta a revista “Contemporânea”, um dos marcos significativos da renovação artística portuguesa. Ele não dá importância à revista “Orfeu”, fundada anteriormente, em 1915, por Luiz de Montalvor e o brasileiro Ronald de Carvalho. A seu ver, este último movimento não passou de brincadeira, à Marinetti. (CAMPOS, 1947, p. 2)

Assim, o primeiro momento no Brasil, dado o entusiasmo da intelectualidade local em ter em seu meio um escritor estrangeiro do porte de António Botto, foi muito produtivo para o poeta, que recebeu uma série de oportunidades de trabalho. Nas reportagens referidas de Paulo Mendes Campos e de Pompeu de Sousa, fica registrado que o poeta seria colaborador do *Diário Carioca*, periódico de que irá participar mais ativamente, inclusive com colunas semanais na segunda metade da década de 1950. Botto também contribuiu com jornais e revistas de outras partes do país, bem como desenvolveu outras atividades: participou de homenagens e recitais de poesia, ministrou palestras sobre variados assuntos, expôs os seus desenhos, apresentou programas radiofônicos sobre a cultura portuguesa⁴ e participou de encontros com políticos e outras personalidades importantes do contexto brasileiro daquele momento, tal como a comitiva portuguesa que foi recebida pelo Presidente Café Filho em 1955. Além disso, o poeta usufruiu de contatos com uma relevante rede de escritores, intelectuais e outros agentes do meio cultural brasileiro como Manuel Bandeira, Lúcio Cardoso, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Augusto Frederico Schmidt, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade.

Ainda que destacasse no livro de 1959 a impossibilidade de lançar um novo trabalho de poesia nos anos que viveu no Brasil, Botto

⁴ De acordo com Ricardo Marques Martins, Botto trabalhou como locutor em algumas rádios paulistas entre 1949 e 1951, quando ele residiu em São Paulo: Rádio Bandeirantes, no Programa *Seleção Internacional – Portugal Canta*, na Estação Rádio Cultura, no Programa *A Voz do Espaço* e na Rádio Difusão Tupi, no Programa *Almas e Povos* (2013, p. 14)

publicou *Regresso* (1949), reunião de contos inéditos, primeiro livro do autor por uma editora brasileira, e *Fátima – Poema do Mundo* (1955), coletânea de poemas majoritariamente religiosos escritos anos antes, aprovados pelo cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira⁵ em 1946, como estava impresso em sua capa e contracapa, e editado a fim de usufruir a ocorrência do 36º Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro naquele mesmo ano, tornando a cidade a capital mundial do catolicismo. Em *Fátima*, Botto adicionou “Cântico da Alma Brasileira”, poema que foi publicado em diferentes versões na imprensa (a primeira de 1950, no jornal *A Manhã*, sob o título de “Brasil”, depois em 1953, na revista *Ilustração Brasileira*, nomeado de “Poema do Brasil”) e apresentado em diversas ocasiões durante as celebrações católicas e programas radiofônicos, podendo ser considerado um dos últimos instantes de destaque de sua carreira literária. Assim, apesar do silenciamento sobre a trajetória do poeta no Brasil, podemos afirmar que sua produção e atuação literária foi relativamente profícua, principalmente quando levamos em consideração os diversos textos que circularam na imprensa daquele período.

2 Poesia de António Botto na imprensa brasileira

Desde o início de seu exílio no Brasil, António Botto publicou regularmente em diferentes periódicos, principalmente contos e poemas, muitos deles inéditos, bem como alguns dos seus textos já conhecidos, auxiliando a divulgar a sua obra para o público brasileiro. O poeta, ainda, colaborou com textos críticos, crônicas e artigos de opinião sobre diversos assuntos do universo artístico e literário, como ficou registrado, por exemplo, na sua coluna “Notas para um caderno individual” no suplemento literário do *Diário Carioca*, um dos jornais onde mais colaborou, principalmente na segunda metade da década de 1950. Nestas páginas, o escritor discorreu a respeito de assuntos como as obras de Fernando Pessoa, Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, analisando seus principais aspectos literários, tanto quanto refletiu acerca do papel da crítica e transformou em crônica algumas das suas inquietações em relação aos comportamentos humanos e acontecimentos daquele período.

⁵ Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, o Cardeal Patriarca de Lisboa, foi a maior autoridade católica portuguesa entre 1929 e 1977.

O autor também participou de maneira mais ativa com textos literários, sobretudo contos, para o periódico *Ilustração Brasileira* entre 1953 e 1957, e contribuiu com uma breve coluna de crônicas esportivas para o *Jornal dos Sports*, nomeada “Confissões de uma bola de football”, em 1951. Porém, iremos nos deter por agora sobre alguns de seus poemas publicados na imprensa brasileira.

Com a dificuldade latente de publicar obras inéditas, os periódicos serão para Botto o principal canal de divulgação de seus textos, ainda que fossem tidos como menores em relação ao seu momento mais reconhecido de criatividade poética. Cabe destacar que a crítica literária, de um modo geral, irá afirmar que a produção do poeta durante as décadas de 1940 e 1950 é de um evidente declínio em relação à sua poesia inicial, tanto temática quanto estilisticamente. Jorge de Sena, por exemplo, aponta que o conjunto de escritos dessa época é de “uma triste decadência, com poemas desvairadamente oportunistas na intenção de ganhar proteções convencionais”, assim como “revisões desastrosas que afectam muitos dos seus melhores poemas nas reedições, e, por fim, informes verborreias em que só raramente algum lampejo perpassa” (SENA, 1988, p. 189). Por seu turno, comentando acerca dos poemas de *Ainda não se escreveu*, o crítico Álvaro Salema, no *Diário de Lisboa*, declara que “reflecte-se neles não uma evolução qualquer de onze anos, mas uma viragem de crescente amargura e amargor”, no qual alguns versos possuem “valores poéticos esplêndidos”, mas que a maioria deles são formados por “muita espuma transitória que só vale como depoimento dramático de uma vida malograda”, distante do esteticismo de outrora (*Diário de Lisboa*, 04/09/1959).

Todavia, apesar do questionável valor estético e de inovação da poesia de Botto pós-anos 40, buscamos o resgate do conjunto de textos confeccionados durante este período tão pouco conhecido da carreira do escritor, principalmente daqueles que ele remeteu às suas experiências no Brasil. Ao analisarmos a produção poética dispersa na imprensa brasileira, podemos afirmar que o poeta escreveu sobre diferentes temas: homenagens a amigos e personalidades de sua admiração – inclusive, Salazar⁶ –; versos sobre datas comemorativas e efemérides diversas, como

⁶ Apesar de, por diversas vezes, ter se referido ao seu exílio no Brasil como sendo de motivação política, Botto, durante a segunda metade da década de 1950, tentando angariar meios para retornar a Portugal, traçou elogios a Salazar em diversas ocasiões registradas

o dia das mães e dos pais ou da independência brasileira; poemas sobre aspectos e acontecimentos políticos e sociais, tanto brasileiros quanto mundiais; poemas de exaltação a Portugal e outros tópicos recorrentes. Assim, percebemos que a produção desta fase se constitui multifacetada e muito próxima de algumas das características que Botto usualmente apresentava em sua poesia. A fim de atestar a diversidade deste momento de escrita, escolhemos “O Desafio Vasco-Palmeiras No Poema Visual E Nada Existencialista, Escrito Expressamente”, um dos seus trabalhos publicado no *Jornal dos Sports*:

Formosíssima tarde. Julho sem as ardências solares...
O gigantesco e belo Stadium pleno de milhares de espectadores,
Era um largo círculo modelado na vibração de raras cores.

Para o marcado encontro de football
– Entre o Palmeiras e o Vasco,
Não se fez agressiva a claríssima luz de sol

Havia o natural movimento
De uma visível e boa disposição
Que é sempre interessante e consoladora
Quando sai do entusiasmo saudável da multidão.

O jogo entre as duas violências brasileiras
– O categorizado Vasco e o formidável Palmeiras,
Apresentava o singular interesse, talvez, um pouco recalcado
Pela falta do Ademir
Que é um quanto a mim,
Um dos maiores goleadores do mundo
Na grandeza de jogar e de sentir o seu trabalho bem a fundo,
E justamente considerado sem o anúncio encomendado.

na imprensa. Por exemplo, na visita do Presidente da República Portuguesa Francisco Craveiro Lopes (1951-1958) ao Brasil, em 1957, o poeta publicou quatro poemas intitulado “A visita triunfal”, onde homenageou o ditador português: “António de Oliveira Salazar/ Não pôs em Portugal a ditadura./ Apareceu e veio transformar/ Anarquia com raivas de loucura/ Na concórdia que deve ter um lar/ Quando o Chefe mediu toda a moldura/ De nos dar o sossego a esse bem-estar/ Sem o qual não há pão nem compostura./ Privilégio do povo português/ Merecer assistência de lisura/ A um Homem que em mil e uma vez/ Deu provas de ser bom e justiceiro./ Conquistar sem fazer candidatura/ O mais alto lugar do mundo inteiro” (*Diário Carioca*, 09/06/1957, p.2)

A hora do combinado aparecerem no amplo campo relvado
Os simpáticos jogadores.

Expectativa. Os rumores
Da ondulada incerteza de um desafio que prometia,
Como previa, uma latente envergadura,
Desdobrava-se na beleza de uma teimosa estrutura.

Palmeiras logo de entrada espalha lições de sabedoria,
E uma permanente mas dominada e contundente alegria
Marca o prenúncio da vitória.

Vasco reaparece naquela brecha de fatalidade
Em lhe faltar o seu Deus,
E também se ressentiu ao mesmo tempo,
Da ausência de alguns elementos
Que foram glórias e triunfos em festejados momentos.

E assim a dureza do Palmeiras
Na sua defesa espetacular, iria, por certo, ganhar!

Aponte, com lealdade, uma injustiça acentuada
Pelo clamor do povo justo e justiceiro
Na invalidade de um goal metido pelo Vasco.
E eu chamo a isto – fiasco.

Deveria ter sido marcado. Por acaso estava perto
E sem me enganar o vi.
– Na minha agitada adolescência
Tive a paixão do football
E largamente o joguei na Inglaterra onde estudei.

Mas como Ademir ainda volta –
E com a fé nos destinos ocultos da Natureza,
Que surpreende em tudo quanto faz ou realiza,
Naturalíssimo será
Que a boa estrela do Vasco
Dentro em breve retornará.

E para finalizar.
Das nuvens destes meus versos
Faço os mais ardentes votos – e em palavras verdadeiras,
De que Taça Rio fique nas mãos do Brasil
Representado pelo Palmeiras. (BOTTO, 1951, p. 5)

O poema, escrito logo após a experiência do poeta de assistir à disputa entre os dois clubes, ocorrido dois dias antes de sua publicação no jornal, testemunha a partida de futebol por meio de um olhar jornalístico, aos moldes do comentarista esportivo, expressando os principais acontecimentos do jogo, ou seja, do real imediato. Botto, que já havia contribuído em periódicos similares em Portugal, tinha uma predileção especial pelas práticas esportivas, representando-as em sua poesia desde os primeiros anos, e o futebol, especificamente, figurou num dos poemas de *Olimpíadas*, posteriormente reunido em *Canções*⁷. Assim, no poema da década de 1950, Botto demonstra a sua eficiente prática de poetizar assuntos prosaicos e cotidianos, como essa partida de futebol, principalmente num periódico que não costumava publicar textos iguais àquele, apesar de contar com a participação de escritores brasileiros de renome, como José Lins do Rego, que também possuía uma coluna de crônica esportiva em suas páginas. Talvez pela estranheza do conteúdo publicado por Botto, que também se repetiu em suas poucas crônicas futebolísticas, a coluna do escritor só tenha durado algumas edições de 1951.

Destaca-se também os biografemas recorrentes na escrita de Botto nos versos que remetem à sua suposta infância e adolescência passada na Inglaterra, elemento da ficcionalização da sua biografia, que tantas vezes o poeta repetiu durante as entrevistas que cedeu aos jornalistas brasileiros. Mais do que em outros momentos, os escritos desse período aludem mais claramente aos acontecimentos do presente e as experiências imediatas do poeta, como irá se concretizar nos poemas reunidos em *Ainda não se escreveu*, onde a Guerra Fria, os problemas de habitação e da desigualdade, bem como a autorreflexão do poeta sobre seu evidente ostracismo e a relação com o campo literário, aparecerão em muitos dos textos.

Homenagens ao Brasil serão também muito frequentes em alguns dos poemas dispersos na imprensa, nos quais o poeta irá louvar as belezas naturais do país, a força, a cordialidade e a receptividade de seu povo, bem como irá celebrar a grandiosidade da história brasileira, principalmente por causa de sua ligação com Portugal, vangloriando-se do expansionismo ultramarino português. Por outro lado, o escritor, desde o instante de seu desembarque no território brasileiro, demonstrou se adaptar bem ao país, mas continuamente salientou o seu espanto com as alarmantes disparidades

⁷ “Ei-la!.../Tu..., avança! – Lá vai ela!/ Corre!.../ – Atira-te com alma!.../ Defende-a... – vamos! – então?/ E a bola, ao entrar nas redes,/ Suspendeu a alegria muscular/ E a juvenil vibração.” (BOTTO, 2018, p. 100)

sociais, com os desmandos dos políticos e com a resignação do povo brasileiro frente aos percalços políticos e sociais. Por conseguinte, nos escritos sobre o Brasil, o poeta conjuga alguns reconhecíveis lugares-comuns do discurso laudatório com as reflexões e os questionamentos em torno dos problemas que afetavam a sociedade e que seu olhar de poeta-observador, estrangeiro, destacava com certa perplexidade.

Durante algumas entrevistas, o escritor deixava claro o espanto com o modo como os brasileiros se resignavam em relação às adversidades que os afligiam. Por exemplo, em entrevista à *Revista da Semana*, o poeta declarou:

Não compreendo esse país. Quando cheguei aqui, uma noite vi uma lua enorme. Depois li no jornal: Governo de Ladrões. Fiquei assustado, disse para minha mulher: a coisa vai ficar feia, amanhã vamos embora. No dia seguinte, vi a lua de novo, estava pequenininha. E não tinha acontecido nada, tudo continuava na mesma (30/10/1954, n. 44, p. 43).

Já, em entrevista para o *Diário de Notícias*, em 1956, manifestou: “Brasil, país que eu adoro. País que apaga de noite os erros que alguns homens praticam de dia, para aparecer de madrugada completamente novo. [...] País onde tudo vai bem, pela maneira sentimental por que o seu povo encara a vida e as vicissitudes” (04/05/1956, p.9). Assim, tal perplexidade também irá aparecer na sua poesia. Num poema de 1952, publicado no *Diário Carioca*, intitulado “Poema de uma Certeza”, estes apontamentos irão aparecer de forma contundente:

Meu Brasil que és brasão do paraíso
Ramo de flores, cântico, amplidão
Onde o sonho vendeu o seu sorriso
Na dolência sem fim de uma canção.
Movimento da onda rebatida
No gingar de uma negra palpitante
Alma do mar, Atlântico da vida.
Ânsia do além marcada no quadrante.
Pátria infinita onde a luz é tanta
Que a noite não consegue ser sombria.
Ó maravilha, dez mil vezes santa
Nos altos da mais límpida poesia.
Meu Brasil das estrelas que eu aperto

No braço imortal de uma saudade.
Liberdade que em tudo bate certo
Por nascer entre a fé e a realidade,
Teu povo triste resignadamente
Aceita sem protesto a maior dor.
E mesmo sem razão vive contente
À sombra da ilusão que vem do amor. (BOTTO, 1952, p. 3)

Desde a década de 1940, Botto buscava incrementar a sua poesia com um lado mais engajado social e politicamente, indicando que intentava transformar drasticamente, através de uma considerável ruptura, o seu próprio projeto poético inicial, sedimentado no distanciamento das coisas terrenas, em que se repercutia uma atmosfera esteticista que tanto foi exaltada nos primeiros trabalhos. Porém, o poeta dos anos 50, como expressa em *Ainda não se escreveu*, encena ser o porta-voz das camadas populares silenciadas, elemento que aparecerá nos textos que aqui destacamos, demonstrando o projeto poético agora delineado em sua escrita⁸. Ou seja, somando mais um componente ao seu confessionalismo usual, Botto agora parece inclinado a escutar o barulho das ruas, que demanda por uma intervenção cada vez mais manifesta em sua poesia, que surge em linhas ora progressistas, ora conservadoras, demonstrando sua inquietude perante às adversidades do mundo. Dessa forma, em dois poemas de 1957, nos quais há referências diretas a Dom Helder Câmara, que despontava no cenário político como um forte atuante no combate à pobreza, o poeta reflete sobre o problema crônico das favelas do Rio de Janeiro, oferecendo soluções, tanto quanto trançando críticas à corrupção que marcava a política da cidade e ao mau uso da verba pública:

1.
Helder Câmara, Bispo auxiliar
– No caso impressionante das favelas,

⁸ “Canção e Dedicatória” é um dos poemas do livro póstumo: “Quero dar-te a minha voz/ Para cantar a tua vida/ Em tudo quanto precisa,/ Para que tu não vivas mais/ Com o corpo sem camisa/ [...] Grito do fundo do meu coração/ Pela amargura quieta desta desgraçada confusão/ De esfomeados/ E que andam perdidos, maltratados,/ Em quartos alugados que não podem pagar, e vão/ Para as cadeias onde apodrecem celerados/ Que roubam e que matam sem cumprirem punição [...] Morro e sofro com vocês/ Povos de todo o mundo sacrificado/ E sem nunca deixar de ser o Poeta Português” (BOTTO, 2018, p. 515-516).

Tendo a conclusão do seu pensar
Deve aliar, às fórmulas mais belas,
As outras que mais custam tratar
Porque no mar não temos caravelas
Mas grandes barcos para viajar
Sem auxílio branco dessas velas
Que o pobre, ainda põe para pescar.
Dar agasalho e lar como Deus quer
Não é favor nenhum termos que o dar.
Quem não respeita a lei fundamental
De ajudarmos o homem e a mulher
Faz com que o mundo seja um matagal

2.

O drama das favelas, – favelados,
É um problema de ordem social
De tantos que protestam arquivados
Por essa Prefeitura Federal:
Tem milhares de cargos elevados,
Ordenados de um conto oriental,
Astronômicas cifras de afilhados,
E as ornamentações do carnaval?
Felizmente que o Bispo auxiliar
– Não me sirvo da nota lisonjeira –
Tudo vai resolver e transformar.
Que os morros da miséria possam ter
Arvoredos e flor de laranjeira
No turismo que deve aparecer. (BOTTO, 1957, p. 3)

Mais uma amostra do engajamento poético na transformação do mundo irá ocorrer em dois sonetos publicados no *Jornal do Brasil*, onde Botto homenageará o levante popular organizado pelos estudantes cariocas em 1956. A Revolta do Bonde, que também repercutiu em outras cidades brasileiras, ocorrida em maio daquele ano, na então Capital Federal, mobilizou universitários e secundaristas contra o aumento do valor da passagem do transporte. O poeta, que naquele momento estava internado na Santa Casa de Misericórdia, quando retornou aos holofotes da mídia por ter sido noticiado como um escritor indigente que clamava por ajuda para seu tratamento de saúde, destacando-se o seu estado de penúria e desprestígio, aproveitou a atenção recebida para anunciar

planos de novos projetos, os quais nunca chegaram a ser publicados, e proclamar o seu contentamento com a ação popular combativa:

Soneto Primeiro

O estudante não receia a morte
Quando tem, dentro da alma, o sentimento
Do que se bate pela própria sorte
Do seu país cansado e no lamento
De não ver no além o seu recorte,
E na esperança profunda, pelo alento,
Procura encontrar a leste e ao norte
As razões que mantenham seu sustento.
Abraçaram-se todos, – valentia
Da mocidade viva e desprezada
E que pelo bondinho principia.
Mesmo enfermo, aos estudantes, dou
– Através de uma vida iluminada,
Esta minha certeza do que eu sou.

Segundo Soneto

A força e o direito estão na mão
Da vossa mocidade independente.
Doente, acompanhei a reação
Desse control igual e permanente.
Na luta da justiça, em que a razão
Pode mais do que a lei. Mas, no presente
Há uma sombra má, – cintilação
Preparada, talvez, por quem não sente
Pelo brasil ternura e simpatia,
Pois não é com aumentos para a vida
Que se pode aguardar o melhor dia.
Serei sempre estudante como vocês,
Nessa confirmação jamais vencida
Porque sou brasileiro e português. (BOTTO, 1956, p. 2)

Nos dois sonetos é possível perceber muitos dos elementos que destacamos até aqui, corroborando o estilo e a temática assumidos por Botto nesse período de criação poética, e que serão aprimorados no resultado final de muitos dos poemas que foram reunidos no livro póstumo.

3 Considerações finais

A atuação de Ant3nio Botto na imprensa brasileira foi fundamental para o desenvolvimento de sua pr3tica de escrita, j3 que foi o espaço encontrado por ele para prosseguir com seu of3cio e se manter com alguma esp3cie de evid3ncia, ainda que essa produç3o liter3ria j3 n3o angariasse mais a relev3ncia e a atenç3o que o escritor buscou no Brasil. Apesar de ter publicado diversos escritos at3 bem pouco antes da morte, Botto passava um dos per3odos de maior invisibilidade de sua trajet3ria, como bem destacavam algumas das manchetes que noticiaram o seu falecimento. Por exemplo, no *Correio da Manh3*, o jornalista afirmava que a carreira do poeta “parecia encerrada”, pois Botto estava inteiramente afastado das rodas liter3rias, e que “embora n3o se tratasse de um velho dava-nos a impress3o melanc3lica de um crep3sculo” (21/03/1959, p. 9).

Entretanto, a despeito do incontest3vel afastamento de Botto do campo liter3rio, o poeta continuou a escrever at3 o fim de sua vida, como intentamos mostrar at3 aqui, contrariando o silenciamento que se abateu sobre uma parte consider3vel da produç3o po3tica que ainda est3 para ser redimensionada. Conhecer tal instante da poesia bottiana 3 mensurar as preocupaç3es e inquietaç3es dessa fase criativa do poeta, que buscou continuamente reformular a pr3pria obra, distante de uma certa imagem cristalizada que lhe imp3s a hist3ria liter3ria. Como aponta Maria Cristina Batalha, ao deslocarmos um olhar retrospectivo sobre a uma determinada 3poca, podemos perceber que alguns escritores e obras sofreram um “processo de maldiç3o” em que parcela de sua obra, considerada menor, 3 exclu3da do conjunto de textos que lhe servem de refer3ncia por n3o servirem para ilustrar certos pontos que ficaram inscritos no c3none liter3rio (2013, p. 130).

Ant3nio Botto cabe na reflex3o proposta pela autora pelo fato de que praticamente toda sua produç3o exterior a *Canç3es* permanecer desconhecida at3 os dias atuais, de modo que seja explorado apenas um lado de sua obra, por este ser considerado superior aos demais e se adequar 3quilo que parece ser a produç3o ideal do “perfil-tipo” que a tradiç3o resolveu consagrar (BATALHA, 2013, p. 122). Assim, a aus3ncia de avaliaç3o de um conjunto de textos quantitativamente relevante pode ser vista como sintoma do distanciamento do poeta do horizonte de expectativas que circundavam sua poesia e que causava interesse da cr3tica para seu projeto po3tico. O restante, marcado por uma ideia geral

de mediocridade estética, em que a imperfeição e a inadequação são aspectos destacados, principalmente quando comparado à constelação da poesia portuguesa coetânea da última fase do escritor, permanece “fora de uso”, relegado ao esquecimento, abandonado nos arquivos da imprensa.

Referências

BATALHA, M.C. O que é uma literatura menor?. *Cerrados*, Brasília, n. 35, 2013, p. 113-134. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/14137> . Acesso em: 10 fev. 2022.

BOTTO, A. *Ainda não se escreveu*. Lisboa: Edições Ática, 1959.

BOTTO, A. António Boto em dois poemas inéditos oferecidos a todos estudantes que tomaram parte no Movimento a favor do pobre. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jul. 1956. Suplemento Dominical, 2º Caderno, p. 2.

BOTTO, A. António Botto nestes 2 sonetos inéditos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1957. Letras e Artes, p. 3.

BOTTO, A. *Fátima – Poema do Mundo*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1955.

BOTTO, A. O Desafio Vasco-Palmeiras No Poema Visual E Nada Existencialista, Escrito Expressamente. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1951, p.5.

BOTTO, A. Poema de uma certeza. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1952. Letras e Artes, p. 3.

BOTTO, A. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.

CAMPOS, P. M. António Botto chegou de viagem. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1947. 2ª seção, p. 1.

KLOBUCKA, A. As homopaisagens brasileiras de António Botto. *Iberic@l – Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, Paris, n. 9, 2016, p. 89-102. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@l-no9-printemps-2016-9.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MARQUES, R. M. *Artimanha de Eros – Aspectos do erotismo e do esteticismo na poética de António Botto*. 2013. 145f. Tese (Defesa de

Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2013.

PITTA, E. Toda a ousadia será castigada. In: BOTTO, A. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018, p. 4-18.

SALES, A. A. António Botto no Brasil. Disponível em: < <https://estrolabio.blogs.sapo.pt/tag/ant%C3%B3nio+botto> > (Acesso em: 01 mar. 2022). 2011.

SENA, J. *Estudos de Literatura Portuguesa – III*. Lisboa: Edições 70, 1988.

Data de submissão: 20/04/2022

Data de aprovação: 13/07/2022